

A narrativa poética da morte no Jornalismo Literário: O caso Marielle Franco na revista Piauí¹

Bruna Emy CAMARGO²
Miriam Cristina Carlos SILVA³
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

A vereadora carioca Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes foram mortos após um ataque de 13 tiros ao carro em que estavam, no dia 14 de março de 2018, fato de repercussão nacional e internacional. A partir de uma análise de conteúdo (BARDIN, 2006), este estudo bibliográfico e documental tem como objetivo investigar a presença de elementos da comunicação poética no Jornalismo Literário produzido pela revista Piauí na cobertura da morte de Marielle Franco, uma vez que a linguagem poética (DRAVET; CASTRO e SILVA, 2006 e SILVA, 2010), inserida nas produções simbólicas da realidade do Jornalismo Literário (LIMA, 2014 e MARTINEZ, 2016), pode ser usada para superar a incomunicabilidade dos excessos de informação (BAITELLO JÚNIOR, 2002) das narrativas sobre a morte (MORIN, 1997).

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Comunicação Poética; Morte; Incomunicação; Marielle Franco.

Introdução

A noite de 14 de março de 2018 foi marcada por sentimentos de dor, surpresa e impotência por todos que, com pesar, tomaram conhecimento da morte da vereadora carioca Marielle Franco (PSOL) e de seu motorista Anderson Gomes, por meio dos mais diversos veículos de comunicação. Enquanto ainda pairam as dúvidas “Quem matou Marielle e Anderson?” e “quem mandou matar Marielle?”, a imprensa passou a apresentar ao público a Marielle “mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré”, conforme define seu site oficial⁴.

¹ Trabalho apresentado na IJ-01 Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna de graduação em Jornalismo na Universidade de Sorocaba. Bolsista Probic 2017/2018 de Iniciação Científica com o tema “Representações Poéticas da Morte nas Narrativas Midiáticas: a novela Velho Chico”, sob orientação da professora Míriam Cristina Carlos Silva. brunaemy@globo.com.

³ Orientadora. Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pós-doutorado em Comunicação Social pela PUC-RS. Professora titular do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, na linha de pesquisa de Análise de Processos e Produtos Midiáticos. miriam.silva@prof.uniso.br.

⁴ Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Marielle Franco começou a militar em direitos humanos ainda adolescente, após perder uma amiga vítima de bala perdida em um tiroteio entre policiais e traficantes. Aos 19 anos, tornou-se mãe, o que a despertou para os direitos das mulheres. Formou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e adquiriu título de mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com uma dissertação cujo tema foi “UPP: a redução da favela a três letras”.

A socióloga atuou em organizações da sociedade civil e esteve ao lado do deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL-RJ) na coordenação da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Em 2016, foi eleita vereadora na Capital fluminense com 46.502 votos. No ano seguinte, tornou-se presidente da Comissão da Mulher na Câmara e, pouco antes de morrer, assumiu como relatora da comissão responsável pelo acompanhamento e fiscalização da intervenção federal na segurança pública do Estado.

Então, naquele 14 de março de 2018, 13 tiros atingiram o veículo no qual estavam Marielle Franco, o motorista Anderson Gomes e a assessora – esta, única sobrevivente cuja identidade é mantida em sigilo e que deixou o Brasil por medo de represálias após o depoimento à polícia⁵.

A morte é o fenômeno que mais afeta o ser humano e, quando se trata de uma personalidade midiática, o fato é mais sentido devido à maior repercussão (MORIN, 1997), podendo despertar interesse público. Marielle Franco foi explorada midiaticamente justamente após sua morte, por conta das circunstâncias envolvidas no caso – não saber por que e por quem ela foi morta.

A produção de narrativas de morte na mídia pode estar baseada na linguagem poética (DRAVET; CASTRO e SILVA, 2006 e SILVA, 2010) para superar a incomunicabilidade dos excessos de informação (BAITELLO JÚNIOR, 2002). Tal comunicação poética pode estar inserida no Jornalismo Literário, que objetiva transmitir ao receptor uma experiência simbólica da realidade (LIMA, 2014).

Em vista disso, o objetivo desta pesquisa é investigar a presença de elementos da comunicação poética no Jornalismo Literário produzido pela revista Piauí na cobertura da morte de Marielle Franco. O estudo baseia-se no objetivo específico de compreender

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/assessora-de-marielle-e-o-marido-deixam-o-brasil-por-medo-de-represalias.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2018.

a linguagem poética como alternativa para a incomunicabilidade perante a morte. A partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2006), este estudo bibliográfico e documental vai então analisar reportagens publicadas no portal on-line da revista Piauí.

A partir desta pesquisa, esperamos apresentar a possibilidade da utilização da comunicação poética no Jornalismo Literário em narrativas midiáticas da morte.

A incomunicação perante a morte

A comunicação não é apenas um processo de difusão para tornar algo comum entre um emissor e um receptor, vai muito além disso, pois envolve um circuito entre atores que compartilham subjetividades. Segundo Marcondes Filho (2010), não se trata de ‘uma coisa’ que possa ser transferida, pois não é estável; é uma interação. Daí sua afirmação irônica sobre a comunicabilidade: “Todos comunicam, tudo se transmite, é a grande apoteose do entendimento humano; estamos no melhor dos mundos da comunicação” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 71).

A incomunicabilidade, mais comum do que a comunicação, segundo o autor, pode ser percebida pelo fato de que apesar de todos os aparelhos e facilidades para a comunicação, as pessoas não conseguem realizá-la. Marcondes Filho (2010, p. 98) diz que “grandes sistemas sociais (rádio, televisão, jornais, revistas, divulgação pública e comercial) difundem mensagens diversas, mas não comunicam”. Logo, a falta dessa reciprocidade entre emissor e receptor resulta na incomunicabilidade. A comunicação, para Marcondes Filho (2010) é um evento transformador, do qual ninguém sai ileso, por seu potencial transformador, daí a sua raridade.

Baitello Júnior (2002, p. 2) acredita que a incomunicação advém dos excessos de recursos e técnicas para a comunicação, pois “uma concorre com a outra pelo espaço vital de manifestação”. E essa comunicação artificial, ou seja, concretizada por meio de “artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos” (FLUSSER, 2007, p. 89), tem o objetivo de fazer o ser humano esquecer de sua condição mortal.

De acordo com Flusser (2007, p. 91), o homem “é um ‘animal político’, não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão”. Portanto, “comunicamos, de algum modo, para nos enganar; para esquecer a nossa profunda incomunicabilidade e isolamento” (SILVA; SILVA, 2012, p. 29).

Morin (1997, p. 286) afirma que “a solidão provoca a ideia fixa da morte, e a ideia fixa da morte completa a solidão”. Para o autor, o homem teme a morte por ser a única coisa fora de seu controle, embora a dor não seja sentida igualmente por todos.

A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto estiver presente e reconhecida: quanto mais o morto for próximo, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, ‘único’, mais violenta é a dor; nenhuma ou quase nenhuma perturbação se morre um anônimo, que não era “instituível” (MORIN, 1997, p. 32).

A morte é, por experiência, reaprendida constantemente pelo homem; o luto expõe o despreparo do ser humano às perdas, tornando-se um “processo social de adaptação que tende a fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes” (MORIN, 2007, p. 80). Então, para se distrair a morte e fugir à incomunicabilidade refletida pela solidão, o homem cria artifícios para efetuar a comunicação.

A comunicação vista a partir de Flusser aproxima-se da criatividade e da arte, entendendo-se a arte, neste caso, como a organização do mundo em artefatos e códigos, sendo que os objetos e os códigos são ambos carregados de informação, que tentamos organizar, acumular, fazer ganhar sentido (SILVA, 2013, p. 268).

Silva e Silva (2012, p. 34) afirmam que fazer comunicação, assim como filosofia, “é utilizar os cinco sentidos e não apenas a linguagem, é fazer que todo o corpo comprove que existem mais coisas no mundo do que podemos dizer delas”. Tais camadas de significado compõem a comunicação que usa a linguagem poética como artifício, o que une o pensar ao sentir.

A comunicação poética e o Jornalismo Literário

A arte é um meio de comunicação e, de todos os sistemas, o mais complexo, segundo Silva (2010), pois assim como envolve um emissor e um receptor, este precisa manter todos os sentidos em alerta para a possibilidade de uma experiência. A linguagem artística, ou seja, a representação, trata de um “quase objeto na medida em que cria outra realidade” (SILVA, 2010, p. 279), assim como a ampliação do real feita pela poesia.

De acordo com Dravet e Castro e Silva (2006, p. 9), a poesia é “aquela capaz de efetuar a abertura necessária à inovação do pensamento”, sendo “a única maneira de recorrer às formas não desgastadas e vulgarizadas da língua”.

Pensar poeticamente é deixar a poesia conduzir o pensamento, ou seja, efetuar uma inversão no movimento de construção lógica do raciocínio, permitindo que

a indefinição, a ambiguidade ou o paradoxo permaneçam por mais tempo e abram os campos da cognição através do sensível (DRAVET; CASTRO E SILVA, 2006, p. 8).

Na comunicação poética, os significados desvelam e em seguida se re-velam, permitindo que novas camadas sejam descobertas, o que multiplica o potencial da linguagem, transcendendo seus suportes (SILVA, 2010). Complexo, o signo poético traz elementos que tornam o texto uma potência para a comunicação sensível, seja por meio da intertextualidade, da paralinguagem, na qual elementos não significantes passam a ter significado, na polissemia, ou seja, a forma é conteúdo.

Se a comunicação poética está presente nos textos artísticos – e, por texto, Silva (2010, p. 280) utiliza Lotman para definir ser um “conjunto estruturado de códigos, cuja finalidade é passar uma mensagem” –, há abertura para a presença desta linguagem na produção do Jornalismo Literário, que usa representações simbólicas para fazer ‘ver o invisível’, pois “os bons jornalistas literários enxergam e veem também com os olhos da alma. Captam a realidade com sua inteligência racional e com seus sentimentos, com a razão e com a intuição” (LIMA, 2014, p. 21).

Conforme o autor (2014, p. 12), o gênero Jornalismo Literário “capta o entusiasmo de profissionais que prezam o bom texto, atrai o interesse de leitores que buscam nas matérias jornalísticas mais do que a informação ligeira do dia a dia”. Ao almejar a maestria narrativa, a proposta é, então, proporcionar uma experiência sensorial ao receptor da mensagem.

Adoramos contar histórias. É parte natural das nossas vidas. Fazemos isso o tempo todo. [...] O que o jornalismo literário faz é também contar histórias, só que de um modo elegante, articulado esteticamente. Como produz textos escritos, procura dar a eles uma qualidade literária, entendida como uma organização textual eficiente, do ponto de vista de comunicação, atraente, do ponto de vista estético. O texto precisa oferecer ao leitor uma experiência prazerosa de leitura (LIMA, 2014, p. 17).

Martinez (2016) afirma que o estudioso Mark Kramer apontava 10 princípios do Jornalismo Literário: exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade; e responsabilidade ética.

Não se trata de um texto necessariamente ‘floreado’, mas sim da apuração mais criteriosa de um mergulho na realidade, trazendo o ser humano como destaque de uma

narrativa criativa. “O objetivo final é que o leitor viva simbolicamente aquela experiência, conquistando uma compreensão nova sobre o assunto” (LIMA, 2014, p. 29).

O caso Marielle Franco na revista Piauí

Esta pesquisa partiu de uma análise de conteúdo na revista Piauí, publicação mensal “de jornalismo, ideias e humor”, conforme define seu Mídia Kit (2017). “Publicamos para quem gosta de ler. Vale praticamente qualquer tema” (MÍDIA KIT, 2017).

Idealizada e fundada pelo documentarista João Moreira Salles, a Piauí não teria sido influenciada pelos preceitos do Jornalismo Literário, segundo seu próprio editor, mas teria sido inspirada em periódicos como *Senhor*, *Pasquim*, *New Yorker* e *Realidade* – que são adeptos do gênero jornalístico (LAHUDE; GRUSZYNSKI, 2015).

Assim, a análise de conteúdo é um bom método de investigação uma vez que “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2006, p. 34). Ela é feita em três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, as palavras-chave “Marielle Franco” foram inseridas na caixa de busca do portal on-line da revista Piauí para identificar a presença de textos que mencionassem a vereadora. Em 28 de março de 2018, apareceram 10 resultados, fora de ordem cronológica, dos quais quatro foram excluídos da análise: um por ser uma versão em inglês de um texto em português⁶; um por trazer a palavra “Marielle” no corpo do texto, mas sem se referir à vereadora⁷; um por citar Marielle Franco apenas como uma política dentre outros nomes⁸; e um por se referir à vereadora ao citar que a opinião pública falou mais sobre o assassinato dela que sobre Jair Bolsonaro, e que os tiros contra a caravana de Lula não tiveram a mesma precisão que contra o carro dela⁹.

⁶ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/the-life-and-death-of-defiant-voice/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

⁷ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/em-busca-de-raizes-organicas/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

⁸ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/mbl-lidera-interacoes-no-facebook-sobre-intervencao-no-rio/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

⁹ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lula-alckmin-e-dois-canos-fumegantes/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Em 25 de junho de 2018, uma nova busca foi feita para atualizar os dados antes da finalização desta pesquisa. Ainda com as palavras-chave “Marielle Franco”, mais dois resultados apareceram – estes, publicados não apenas no portal da Piauí, como nas edições impressas.

A exploração do material, então, iniciou-se com o objetivo de investigar a presença de elementos da comunicação poética no Jornalismo Literário produzido pela revista Piauí na cobertura da morte de Marielle Franco. Neste estudo, os oito textos encontrados foram analisados visando o cumprimento deste objetivo.

O primeiro texto é “Aos ‘Bastardos da PUC’, com carinho”, no qual Armando Antenore descreve, três dias após a morte de Marielle, como o estudante Michel Silva, decidiu ler, em homenagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), uma carta que a parlamentar escrevera ao grupo Bastardos da PUC, estimulando alunos bolsistas a não desistirem do ensino superior.

O Departamento de Ciências Sociais organizou a homenagem, que juntou aproximadamente 200 pessoas em volta do busto de John F. Kennedy, no edifício principal da PUC. Como o presidente democrata dos Estados Unidos, a vereadora do PSOL morreu durante um atentado enquanto se deslocava de carro (ANTENORE, 2018).

Aqui, o autor utiliza-se de uma comparação para explicar a cena e o caso ao mesmo tempo. Segundo Dravet e Castro e Silva (2006), a poesia também está na apreensão e no resgate histórico; Antenore estabelece então uma ponte entre John F. Kennedy e Marielle Franco para falar sobre assassinatos políticos sem precisar mencionar estas palavras.

Em “A vida e a morte de uma voz inconformada”, texto postado no dia seguinte à morte de Marielle, o autor José Roberto de Toledo explicou quem era a vereadora e como morreu, atentando-se a detalhes de trajetória dos tiros – mesmo que o fato tivesse ocorrido apenas poucas horas antes da publicação do texto.

Se Marielle estivesse no centro do mostrador de um relógio, o ponteiro indicaria que o assassino ficou entre as marcas das quatro e das cinco horas. Não é a posição de quem anuncia um assalto, talvez a de alguém que planeja uma execução. Nada foi roubado (TOLEDO, 2018).

Ao fazer o leitor visualizar os ponteiros de um relógio para descrever a cena, o autor faz uso da comunicação poética, uma vez que “é a única maneira de recorrer às formas não desgastadas e vulgarizadas da língua” (DRAVET; CASTRO E SILVA, 2006),

p. 9). O texto poderia ter a descrição óbvia de ângulos, mas houve a escolha pelo não convencional.

Na mesma publicação, o autor faz uso de perífrase para referir-se à Marielle, possibilitando a descrição da parlamentar com adjetivos e substantivos que explicam sua história: “A essa altura, nada provocava mais interesse entre internautas cariocas do que a morte da favelada negra que transformara a militância católica da adolescência em mandato eletivo por um partido socialista na meia-idade” (TOLEDO, 2018).

Na passagem “O sucesso logo de cara predizia uma carreira política longa. Quatro balas anularam a previsão”, Toledo (2018) ainda utiliza um eufemismo para tratar da morte de Marielle. Há o uso da substituição, em um formato metonímico que exige do leitor montar a cena a partir dos elementos não mencionados, as quatro balas que sugerem o (s) assassino (s), o carro em que estavam, suas motivações. Também encaminha a narrativa para o futuro que poderia haver e não houve, a longa carreira de Marielle, morta de forma violenta, injusta e precocemente.

Calvino (1990) destaca como uma das qualidades da narrativa a rapidez. Esta brevidade consiste em sugerir ao invés de explicitar, deixando espaço para que o próprio leitor atue naquilo que é narrado. A rapidez apontada por Calvino é defendida também por Eco como uma das formas de enriquecer poeticamente uma narrativa, como apontam Silva, Martinez e Santos (2016). Eco, embora tratando da narrativa de ficção, afirma que esta “é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha uma série de lacunas. Afinal (como já escrevi), todo texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho (ECO, 1994, p. 9)”. Assim também ocorre com as narrativas jornalísticas, pois não são capazes de colocar o mundo pleno e completo a que se referem em uma notícia, reportagem ou demais formatos, sejam em qual suporte estejam.

No texto “Longe do centro”, Luiza Miguel cria uma conexão entre a vereadora assassinada e Milena Martins, uma jovem da periferia fluminense. “Ela conta ter se enfurecido com as críticas contra a vereadora e disparado de volta na rede social” e “Cinco dias depois um novo ato estava programado na Cinelândia. ‘Eu precisava ir em algum’, Martins falou” (MIGUEL, 2018), são trechos que mostram o processo de recepção da morte da vereadora.

Aqui, ao conhecer a história de Milena, é possível perceber como a morte de Marielle afetou quem com ela se identificava, que ficou arrasado com a notícia e escolheu estar nos atos organizados em sua memória.

Caso semelhante acontece em “Sem polícia à vista, mulheres velam Marielle”, de Tiago Coelho. Nesse texto, entende-se o processo de luto, com as palavras refletindo “as perturbações profundas que uma morte provoca no círculo dos vivos” (MORIN, 1997, p. 27).

O rito funerário é relatado com gradação por conta da força do sol na passagem do dia. Primeiro, há “O sol era impiedoso ao meio-dia, mas cada vez vinha mais gente à Cinelândia” e, alguns parágrafos adiante, torna-se “No fim da tarde, o sol já não ardia com a mesma força, mas deixou uma atmosfera quente e mormacenta no Centro do Rio” (COELHO, 2018). Há uma antropomorfização: o sol adquire sentimentos humanos, como se contaminado da impiedade do assassinato; porém, nada pode refrear a comoção das pessoas que vieram, apesar do calor.

O autor ainda faz uso de palavras que remetem a sons e imagens para situar o leitor, como em “Deram os braços fortemente e cantaram com as outras uma música de Elza Soares”, “Dentro da Câmara, o silêncio do velório – para amigos e parentes apenas – era quebrado por soluços incontidos” e “Foi soterrado por uma vaia barulhenta, emendada por um coro de ‘fora’”. A narrativa, então, ampliou o real.

Em “Marielle bate impeachment no Twitter”, de José Roberto de Toledo e Kellen Moraes, o texto foca em dados levantados da repercussão da morte da vereadora no Twitter e levanta um paralelo entre Marielle, a jovem Milena Martins, que esteve em outro texto da Piauí, e a cantora Elza Soares, que se pronunciou nas redes sociais evidenciando sua inconformidade. “Três negras, três nós, três gerações – juntas na mesma indignação”, definem Toledo e Moraes (2018), utilizando a repetição como reforço sonoro e de sentido.

Com apenas uma citação, Marielle Franco aparece em “Do nada – desesperança amarga”, de Eduardo Scorel, para contextualizar o momento social em que o filme “Em Pedacos”, de Fatih Akin, estreia.

Os cerca de sessenta espectadores deviam estar sob o impacto dos assassinatos de Marielle Franco e Anderson Gomes, ocorridos três dias antes. Será que sabiam que desde o início do ano passado 23 vereadores e prefeitos foram executados no Brasil, pelo menos seis deles por motivação política? Teriam ido ao cinema para fugir da trágica realidade das ruas? (SCOREL, 2018).

Neste caso, há intertextualidade na medida em que o Jornalismo Literário é utilizado para falar sobre cinema, por meio de uma referência à realidade que os espectadores tinham como bagagem cultural. Silva (2010, p. 281) lembra que “os textos, poéticos ou não, são condicionados pela cultura, além de produzidos pelos meios de comunicação, em convergência com a arte”.

Em “Do lado de cá”, presente na edição 139 da Piauí, Yasmin Santos faz um breve relato de sua trajetória de vida e explica os motivos de ter dado seu primeiro voto à vereadora Marielle Franco. “Mataram o meu voto. Pior, mataram o meu primeiro voto”, reflete Santos (2018) em seguida, personificando em seu voto a figura da parlamentar assassinada, o que reforça o sentido de identificação, de representação e de esperança tornada desesperança. Com a morte de Marielle, morre uma força política reconhecida por aqueles que depositaram nela – e no voto das urnas – a confiança para as mudanças desejadas.

A autora conta que sua experiência foi de “Uma negra sentindo as dores da outra”, mas que, “depois de perder tanto, acabei perdendo até o medo” e, então, “Recebi e ofereci abraços longos, apertados, como se o toque pudesse impedir que sucumbíssemos à desesperança”. Morin (1997, p. 80) explica que “o luto exprime socialmente a inadaptação individual à morte, mas, ao mesmo tempo, ele é este processo social de adaptação que tende a fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes”.

Por fim, a publicação mais recente é “Depois do atentado”, também da edição 139 da Piauí, na qual Antonia Pellegrino faz um relato desde quando conheceu Marcelo Freixo, parceiro político de Marielle, até o enterro da parlamentar. De todos os textos analisados neste estudo, é o único a ser escrito em primeira pessoa por alguém próximo de Marielle.

A recepção da morte é muito explorada nessa descrição, como em “O pranto agônico de Arlei inviabilizava a comunicação”, “A imagem do carro alvejado com os cadáveres não desgruda da minha cabeça”, que recriam as cenas para o leitor, e “O teto do mundo ficou mais baixo de um dia para o outro”, uma analogia que materializa visualmente a sensação opressora de se perder um ente querido. Pellegrino (2018) ainda reforça o impacto:

O horror percebe onde há força, e ataca. O recado inequívoco passado na execução instaura o medo. A rajada que assassinou a Marielle e o Anderson atinge em cheio as muitas mulheres negras que trabalham em seu gabinete e

outras tantas parceiras de militância. Atinge a força motriz dos mais velhos, com décadas de vida dedicadas à segurança pública e aos direitos humanos. Atinge a todos. Para ninguém cair, os corpos chacoalham nos abraços e o desespero encontra algum abrigo.

Para Morin (1997, p. 31), “são as perturbações causadas pela morte à vida humana, o que se entende por ‘horror’ da morte”. O autor (1997, p. 32) também explica que “a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto estiver presente e reconhecida”.

No decorrer do relato de Pellegrino, a força da morte de Marielle fica clara; ela, por exemplo, descreve o velório por “Estamos todos com um espinho enfiado na carne”. Porém, a autora finaliza o texto incitando esperança aos que ficam. “Ainda não é luta, é luto. Está em nossas mãos morrer com a Marielle, ou ressuscitar com ela” (PELLEGRINO, 2018). Para ela, “ainda é cedo para entendermos o quanto tudo mudou, mas houve um descarrilamento. Nada vai voltar a ser como antes”.

Pellegrino produziu o relato para a Piauí menos de um mês após a morte de Marielle. De acordo com Martinez (2016, p. 108), a espécie humana tem a necessidade de manter registros sobre si pois “se a morte ceifa a vida física, o esquecimento mata a simbólica”.

Considerações

Esta pesquisa buscou cumprir o objetivo de investigar a presença de elementos da comunicação poética no Jornalismo Literário produzido pela revista Piauí na cobertura da morte de Marielle Franco. Por meio da análise de oito textos publicados no portal online do periódico, verificou-se a presença da linguagem poética nas narrativas sobre a morte da vereadora, produzidas dentro do Jornalismo Literário.

Utilizando os preceitos deste gênero jornalístico, os textos apresentam narrativas com descrição de cena, cheiro, som e sensação, permitindo ao leitor imersão no assunto abordado, por meio da sinestesia, recurso muito utilizado na construção poética. A produção escrita, então, utiliza figuras de linguagem para criar camadas de significação, originando uma comunicação poética, que pretende fazer compreender por meio do sensível.

O assunto é propício para a prática, uma vez que a morte tem forte influência sobre as pessoas, sendo sentida quanto maior intimidade os sobreviventes tinham com os

mortos. O período de luto e os ritos funerários despertam emoções no ser humano que são exteriorizadas por meio de uma comunicação que une o pensamento ao sentimento.

Portanto, verificamos aqui a possibilidade de utilizar a comunicação poética no Jornalismo Literário, como um modo de explorar a linguagem simbólica e artística em produções centradas no ser humano; e, no caso da morte, trazer profundidade ao assunto que faz o homem lutar contra a incomunicação. Neste sentido, ao contrário das produções jornalísticas meramente informativas, ou daquelas cuja tônica é o sensacionalismo, fica salvaguardado o princípio ético, pois ao abordar a morte pelo viés poético, reforça-se a humanização, levando-se em conta o indivíduo e suas peculiaridades, na sua relação com os próximos, também impactados pela morte. Produz-se comunicação por meio da inserção do poético no jornalismo, mas aquela comunicação à qual nos referimos no início deste trabalho, transformadora, que serve de alento para a consciência de nossa finitude e que nos leva ao outro como igual, por todas as nossas potências e impotências.

Referências bibliográficas

ANTENORE, Armando. Aos “Bastardos da PUC”, com carinho. **Piauí**, Rio de Janeiro, 17 mar. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/aos-bastardos-da-puc-com-carinho/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

BAITELLO JUNIOR, Norval. As irmãs gêmeas: comunicação e incomunicação. **Tribuna do Norte**, Rio Grande do Norte, 19 jan. 2002. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/BAITELLO%20JUNIOR%20Norval/as_irms_gmeas_comunicao_e_incomunicao.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

COELHO, Thiago. Sem polícia à vista, mulheres velam Marielle. **Piauí**, Rio de Janeiro, 15 mar. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/sem-policia-a-vista-mulheres-velam-marielle/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

DRAVET, Florence Marie; CASTRO E SILVA, Gustavo. O pensamento comunicacional mediante o pensamento poético. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6, 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1592-1.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.

SCOREL, Eduardo. Do Nada – Desesperança Amarga. **Piauí**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/do-nada-desesperanca-amarga/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São paulo: Cosac & Naify, 2007.

LAHUDE, Katherine; GRUSZYNSKI, Ana. Revista Piauí: design editorial para um público com um parafuso a mais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Alcar, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-imprensa/revista-piaui-design-editorial-para-um-publico-com-um-parafuso-a-mais/view>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016. (Série Jornalismo a Rigor, 10).

MÍDIA kit. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2017/01/apresenta%C3%A7%C3%A3o-revista-piau%C3%AD-19-de-janeiro-de-2017.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MIGUEL, Luiza. Longe do centro. **Piauí**, Rio de Janeiro, 23 mar. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/longe-do-centro/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PELLEGRINO, Antonia. Depois do atentado. **Piauí**, Rio de Janeiro, ed. 139, abr. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-atentado/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SANTOS, Yasmin. Do lado de cá. **Piauí**, Rio de Janeiro, ed. 139, abr. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/do-lado-de-ca/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SILVA, Miriam Cristina Carlos. A comunicação como artifício: uma leitura sobre Vilém Flusser. In: **Teorias dos meios de comunicação no Brasil e no Canadá**. 1 ed., Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 259-272.

_____. Contribuições de Iuri Lotman para a Comunicação: sobre a complexidade do signo poético. In: **Teorias da Comunicação**: trajetórias investigativas. 1 ed., Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, v. 1, p. 273-291.

_____; SILVA, Paulo Celso da. Em busca de um conceito de comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, São Paulo, v. 9, n. 16, 2012. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/470/271>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; MARTINEZ, Monica; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Contribuições de Umberto Eco à Comunicação em Como se faz uma tese, Apocalípticos e integrados e Seis passeios pelos bosques da ficção. **ComTempo**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2016. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/06/Contribuicoes-de-Umberto-Eco-a-Comunicacao_Miriam-Cristina-C.-Silva-e-Monica-Martinez-e-Tarcyanie-C.-Santos_ComTempo_2016.1.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2018.

TOLEDO, José Roberto de. A vida e a morte de uma voz inconformada. **Piauí**, Rio de Janeiro, 15 mar. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/vida-e-morte-de-uma-voz-inconformada/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

_____; MORAES, Kellen. Marielle bate impeachment no Twitter. **Piauí**, Rio de Janeiro, 17 mar. 2018. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/marielle-bate-impeachment-em-alcance-no-twitter/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.